

■ OPINIÃO

ECONOMIA - BRASIL

EDITORIAL

Avaliações apressadas dos fatos

Desde a crise financeira dos países emergentes, nos anos 90, surgiu um novo tipo de especulação no mercado financeiro internacional. Essa especulação não é do tipo clássico, envolvendo movimentos de capitais, mas os seus efeitos não são menos nefastos.

Ela se baseia na classificação de risco de países por bancos ou corretoras internacionais, que não se pautam somente por critérios técnicos, mas se deixam levar por interesses inconfessáveis ou entregam essa tarefa a profissionais inexperientes, que se baseiam em seu “feeling”, ou seja, em fatores puramente emocionais.

O comportamento dos mercados financeiros, na última semana, mostrou até que ponto movimentos especulativos prejudiciais ao País se originam de

avaliações apressadas da realidade econômica brasileira. Quinta-feira, bastou que o banco de investimentos JP Morgan rebaixasse a recomendação para os papéis da dívida soberana brasileira — de “acima da média do mercado” (*overweight*) para “na média do mercado” (*marketweight*) — para que esses títulos se desvalorizassem, levando o risco-país a subir 8% e superar o patamar dos 600 pontos-base, marca que não atingia desde outubro. No plano doméstico, o dólar fechou em alta de 1,07%, cotado a R\$ 2,919; e a Bovespa registrou baixa de 2,56%.

Se esse nervosismo não tivesse sido provocado por simples especulação, o mercado não te-

ria feito tábula rasa das avaliações menos pessimistas da economia brasileira formuladas no mesmo dia por duas instituições internacionais — a corretora norte-americana Merrill Lynch e o banco holandês ABN Amro.

Entre outras ponderações, o analista do JP Morgan afirmou no seu relatório que o cenário internacional está menos favorável, com as perspectivas de alta dos juros nos Estados Unidos, e que o governo Lula perdeu uma boa oportunidade para lançar uma agenda de reformas mais positiva. Se “as perspectivas de crescimento continuam incertas”, e se essa incerteza já estava evidenciada no relatório de fevereiro, como disse o JP Mor-

gan, pergunta-se por que o banco de investimentos, então, elevou para “*overweight*” a recomendação sobre os papéis da dívida soberana.

O ABN Amro enxerga a economia brasileira sob outro prisma. Em relatório sobre países emergentes, o banco manteve a recomendação “*overweight*” para os títulos soberanos do Brasil. Da mesma forma, a Merrill Lynch estava otimista com os mercados emergentes e elevou de 5 para 10% o peso dos papéis desses países na sua carteira. Em relação ao Brasil, a corretora manteve a posição “*marketweight*”.

Entendemos que se as perspectivas econômicas fossem tão incertas como sugeriu o JP Morgan, a turbulência da véspera teria sacudido os mercados também na sexta-feira. Afinal,

a própria Merrill Lynch sugeriu aos investidores que reduzissem a exposição em ações de empresas brasileiras. E o Citigroup rebaixou os bônus da dívida externa, de *overweight* para *moderate underweight* (levemente abaixo da média do mercado). Os investidores ignoraram essas recomendações e, em decorrência, os bônus da dívida externa subiram; o risco-país — medido pelo Embi+ do JP Morgan —, recuou para 592 pontos; o dólar fechou em queda; os juros futuros caíram na BM&F e a Bovespa apresentou leve alta.

Negar as fragilidades internas e externas do País seria tapar o sol com a peneira. Contudo, avaliações apressadas e superficiais também devem ser rechaçadas.

Para imprimir, enviar ou comentar, acesse:

www.gazetamercantil.com.br/editorial